

Dispersão

Alvaro Domingues

[in *Cidades e Democracia*,
Lisboa, Argumentum, 2006, p. 338-340]

Hoje, falar-se em dispersão urbana ou em urbanização difusa, implica, normalmente, uma atitude depreciativa. Não faltarão boas razões para isso, ainda que nem sempre assim tenha sido. No séc. XIX o modelo da «cidade jardim» realizava plenamente as utopias sociais, as preocupações higienistas e a vontade de juntar o melhor da cidade e do campo num mesmo cenário. Não obstante, essa mesma época é marcada pelos traçados regulares dos ensanches densos e sujeitos à disciplina da quadrícula. Já no séc. XX, é nos EUA que o automóvel e a estrada realizam o sonho americano do subúrbio residencial da classe média; o mesmo que hoje é condenado pelo *New Urbanism*, em demanda da densificação, da mistura funcional, do peão e de uma certa ideia de comunidade que parece ter sucesso nos condomínios fechados.

Na condenação da dispersão cruzam-se preocupações ambientalistas (contra a delapidação de solo, recursos naturais e paisagem, gastos de energia devidos à intensificação das deslocações em automóvel), nostalgias (da cidade histórica e do rural profundo tornado incharacterístico), ou de dificuldades em infra-estruturar e desenhar o suporte público da nova urbanização. O discurso torna-se duro e patético quando, misturando tudo, se procura encontrar bodes expiatórios que, uma vez exorcizados com retóricas prescritivas e radicais, permitirão regressar a um qualquer ideal-tipo, algures entre a cidade medieval, a quadrícula do quarteirão, ou a abstracção modernista de blocos e vias sobre espaço verde de fundo. Face a estas retóricas, a realidade é tão confusa, desqualificada (ou inqualificada?) e difícil de descortinar na multiplicidade das lógicas que a produzem, que se torna fácil ceder ao discurso fácil da condenação.

Ao mesmo tempo, a maior parte da população urbana vive nessa dispersão e a que mais protesta fá-lo, normalmente, por razões que não têm a ver com isso (alojamento precário ou de má qualidade, situações sociais problemáticas, empilhamento em blocos banais e espaços exíguos). A diversidade social e cultural que caracteriza a sociedade contemporânea produz e procura espaços diversos e vivências variadas. Quem pode escolher, tanto aspira a uma casa num prédio reabilitado do centro histórico como, cada vez mais, procura a casa com quintal, a privacidade, o espaço aberto. A mesma pessoa, ao longo

da vida, pode procurar esses e outros modelos.

Perante a complexidade, é fácil agudizar o radicalismo, procurar a utopia ou, simplesmente, baixar os braços e aceitar. Certo será que, perante a mesma complexidade, é inútil procurar uma racionalidade e forçar a evolução das coisas sob o poder de um ente que tudo regula, acerta e prevê. Daniel Innerarity fala-nos de sociedades «centrifugas», caracterizadas pela fragmentação das esferas e campos de decisão e de organização, da política, à economia e, por isso, também da cidade. Cidades centrifugas são estas que aqui se ilustram. Das suas qualidades e ineficiências, tratarão os teóricos e os práticos do planeamento, do urbanismo e da política. Não através de um gesto de refundação a partir da tábua rasa, contrariando a suposta adversidade do real; sobretudo, a partir do entendimento plural do que existe e de um sem-número de estratégias, materiais, formas e escalas de intervenção.

As imagens ilustram a extensão e a diversidade da dispersão. Parece tão anacrónica a expansão por somatório de loteamentos densos e descontínuos, como a urbanização ao longo das estradas, na auréola de antigos assentamentos rurais, na saída do nó da auto-estrada, ou em manchas contínuas onde ainda se percebe o cadastro rural que a suporta. Não será necessário um olhar muito demorado para perceber também quão simplista é a associação entre a difusão e a residência. Mesmo quando houve zonamento (à partida ou à chegada), a diversidade de usos convive em doses e feitios vários, consoante a maior ou menor abertura da objectiva. Uma vez a infra-estrutura viária que suporta a dispersão parece excessiva, outras vezes parece frágil e no limite da elasticidade. As redes que irrigam o disperso variam desde os traçados arteriais da auto-estrada, aos labirintos capilares dos caminhos. O retrato de conjunto desfoca-se, seja por referência à cidade-imagem seja por comparação a um modelo rural anterior. O difuso não é rural nem urbano, no sentido comum das palavras e dos outros sentidos que elas carregam. É um terceiro estado de formação muito recente, onde o tempo ainda não permitiu estabilizar e possibilitar que algum nome mais próprio se lhe chame.